

Louis-Eugène Varlin e a Comuna de Paris (1871)

João Alberto da Costa Pinto *

Resumo

O artigo propõe uma breve notícia sobre a trajetória política de Louis-Eugène Varlin (1839 – 1871), operário francês (encadernador de livros) radicado em Paris (1852 – 1871), intelectual autodidata, um dos principais organizadores da seção francesa da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) a partir de 1865. Personagem emblemático nas lutas sociais acontecidas no período de setembro de 1870 a maio de 1871, quando do cerco à cidade pelas tropas prussianas e depois pelas tropas do governo Thiers, motivos que o levaram à participação no Comitê Central da Guarda Nacional, assim como à organização dos comitês distritais da Comuna (março a maio de 1871).

Palavras-chave: solidariedade; internacionalismo operário; autogestão.



* **JOÃO ALBERTO DA COSTA PINTO** é Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e Professor na Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. Email: joaoacpinto@yahoo.com.br



Louis-Eugène Varlin (1839-1871)

Quando nos referimos à Comuna de Paris de 1871, quase sempre a percebemos como emblema de referência síntese em todas as grandes lutas sociais acontecidas no Século XX, notadamente, pela óbvia associação, com os acontecimentos que marcaram a particularidade política dos fatos do Maio de 1968 em França. Nas lutas autogestionárias do *maio de 68* o exemplo das práticas *communards* de 1871 mais uma vez se percebia como referência estruturante das possibilidades reais para um cotidiano não-capitalista, mais uma vez porque o exemplo dos *communards* também fora resgatado nas revoluções russas de 1905 e 1917, nas barricadas spartaquistas de Berlim em 1919, na Guerra Civil

Espanhola (1936-1939) e seria depois, em Portugal, também resgatado na Revolução dos Cravos (1974-1978). A Comuna de Paris de 1871 definiu-se como um fato histórico de grande importância para as lutas anticapitalistas no século XX. E se esse fato histórico foi reiterado pela tradição revolucionária posterior, o foi em grande parte devido aos “usos” do grande documento político e historiográfico que Karl Marx escreveu e trouxe a público ainda em 1871, o livro *A Guerra Civil na França*.

Karl Marx acompanhou de Londres os fatos que a guerra franco-prussiana (1870) provocava na sociedade francesa, a queda do Segundo Império

(1852-1870) de Napoleão III e a consequente organização dos governos republicanos de Gambetta e Thiers, o cerco prussiano à cidade de Paris, a rendição de Thiers a Bismarck e a insurreição dos parisienses à presença prussiana e ao governo capitulacionista de Thiers, que a partir de março de 1871, faria de Versalhes a sua sede de Governo. Da insurreição da Guarda Nacional em 18 de março determinou-se o processo de organização da Comuna propriamente dita em 26 de março e a consequente guerra civil que os *communards* envidam no combate às tropas versalhesas legalistas da república de Thiers que, naquela altura, estavam associadas, depois da rendição, com as tropas prussianas. Da guerra nacional à guerra de classes, do Império à Comuna, esse foi o processo histórico que Marx analisou no seu livro *A Guerra Civil na França*. A reflexão político-históricográfica de Marx nesse documento determinou todos os debates políticos posteriores da tradição revolucionária de cariz marxista. Com esse documento Marx também asseverou sua posição política dirigente no seio da AIT e o marcaria publicamente, em grande parte pela ira da reação conservadora, à condição de “chefe” da revolução proletária mundial, “popularidade” súbita que muito o entusiasmou, pois até aquele momento era um intelectual relativamente desconhecido do grande público¹.

¹ M. G. BADIA (1972: 231) dá notícia do então desconhecido Marx obtendo grande repercussão com a edição do livro sobre a Comuna com *11 mil exemplares* publicados. Na apresentação da edição francesa de 1972, o editor afirma que o *La Guerre Civile en France* foi publicado de 16 de julho a 3 de setembro de 1871 nas páginas de um jornal de Bruxelas – *L’Internationale* e que em junho de 1872 é que apareceu a segunda edição em forma de livro redigido em francês pelo próprio Marx, com uma tiragem de *9 mil*

Em correspondência com Ludwig Kugelmann, Marx, entusiasmado com a inesperada celebridade, afirmou-lhe: “*Tenho a honra de ser neste momento o homem mais caluniado e mais ameaçado de Londres*” e complementou: “*Isso faz realmente a gente se sentir bem depois de um idílio tedioso de vinte anos nos bastidores*” (apud HUNT, 2010: 284). As ameaças a Marx vinham de alguns jornais conservadores ingleses como o *Fraser’s Magazine* e o semanário católico *Tablet* (HUNT, 2010: 284). Descrevendo assim poderíamos então concluir que foram necessárias mais de 10 mil vidas de *communards* chacinadas pelas tropas franco-prussianas, que foram necessárias as prisões e deportações de milhares de trabalhadores parisienses, que foi necessária a prisão, o espancamento e o fuzilamento de um jovem trabalhador francês chamado Eugène Varlin, um dos mais habilitados encadernadores do mercado gráfico parisiense e um dos mais ativos participantes das greves exitosas dos encadernadores em 1865 e 1867, e que fora eleito tanto para o Comité Central da Guarda Nacional como para três comitês distritais da Comuna nas eleições de 26 de março; que foi necessária a luta de tantas trajetórias hoje quase esquecidas, para que em Londres se celebrizasse um Karl Marx muito orgulhoso de si e do seu valioso trabalho? Sim, essa conclusão é possível, mas que importância tem efetivamente tal termo diante da magnitude do livro que Marx publica sobre esses mesmos acontecimentos ainda em 1871? Uma importância fundamental, porque com tal perspectiva o que se pode perceber é Marx asseverando-se politicamente de

exemplares que foi logo esgotada e em setembro do mesmo ano apareceria a terceira edição (MARX, 1972: 18).

modo inequivocamente oportunista como um “vitorioso” frente à sua posição na AIT contra os grupos que lhe faziam oposição e consolidando indiretamente a perspectiva sobre os fatos de 1871, como fatos de uma presumida revolução “marxista”. Frente à derrota da primeira grande revolução operária, parece-nos que o intelectual Karl Marx, um dos grandes teóricos do internacionalismo operário revolucionário via-se como politicamente vitorioso.

A Comuna de Paris de 1871 não deve ser apenas um resultado historiográfico-político de exemplar magnitude para a discussão das formas institucionais de transformação revolucionária do capitalismo conforme o que foi aferido pelo livro de Marx e pelos debates que o livro provocou na tradição marxista posterior. O exemplo da importância da análise marxiana deve ser preservado e continuamente debatido, e datas como a dos atuais 140 anos da Comuna têm que obrigatoriamente redimensionar criticamente o livro de Marx e os debates posteriores que o mesmo determinou. Contudo, há um mais além que é pouco afirmado ou raramente problematizado: quem foram esses trabalhadores e trabalhadoras que lutaram pela insurreição de 18 de março e depois pela Comuna de 26 de março de 1871 e que dessa luta experimentaram efetivamente a realização de relações sócio-institucionais de novo tipo? Quem foram os *communards* que fizeram do seu cotidiano uma prática que indiciava formas societárias radicalmente distintas das formas burguesas de sociabilidade? É impossível rastrear historiograficamente tantas trajetórias ali envolvidas, cronistas contemporâneos à Comuna procuraram em várias publicações resgatar os traços biográficos de muitos desses

communards nossos desconhecidos, nos meses seguintes à derrota da Comuna várias publicações surgiram com esse sentido, por exemplo, o livro de Henry MOREL (1871), onde se descrevem dezenas de trajetórias de republicanos radicalizados, de jacobinos blanquistas, de *communards*² socialistas, de sindicalistas como Varlin. Além desse livro muitos outros foram publicados ou para resgatar a memória daquele colossal experimento social derrotado ou para execrá-lo.

² Nessa obra publicada logo após os acontecimentos da Comuna, não há referência à presença e/ou influência política da obra de Karl Marx junto às notas biográfico-políticas das dezenas de personagens que o autor destacou como fundamentais à Comuna. Inúmeros outros livros com essa perspectiva documental-jornalística sobre a Comuna foram publicados nos meses seguintes aos acontecimentos e vários deles podem ser consultados na íntegra através do site – www.gallica.bnf.fr. Por exemplo, o livro de DE LA BRUGERE (1871) nas suas mais de 400 páginas transcreve na íntegra quase todos os decretos publicados pelo Comitê Central da Guarda Nacional (que teve a participação de Varlin), os decretos da Comuna, notas biográficas de muitos dos militantes que organizavam a Comuna na gestão política da cidade através dos vinte comitês distritais, os mesmos que também estiveram nas barricadas para os confrontos armados com as tropas legalistas de Thiers (Varlin lutou em várias barricadas, inclusive na última); inúmeros artigos dos principais jornais da Comuna (*Le Père Duchene*; *Le Vengeur*; *Le Cri du Peuple*; *Le Rappel* – muitos desses jornais foram lidos por Marx para a redação do seu *Guerra Civil na França*), enfim, uma referência factual muito útil para documentar o quadro geral da Comuna. Entretanto, é inquestionável que não há documento comparável, para uma narrativa geral detalhada (em tintas fortemente impressionistas) do processo factual de 1870 a 1871, que a extraordinária narrativa e análise dos fatos apresentada pelo livro *História da Comuna de 1871*, de Prosper-Olivier LISSAGARAY (1991), autor que também lutou nas barricadas *communards* e que mesmo ferido a bala conseguiu escapar para Londres onde planejou e escreveu o seu livro maior com primeira edição datada de novembro de 1876.

Cumpre-nos ressaltar que se o livro de Marx foi central à tradição marxista posterior, a Comuna de Paris como objeto de indagação historiográfica é assunto de amplas pesquisas e debates acadêmicos. Em 2001, a historiadora francesa Danielle Tartakowsky num breve recenseamento historiográfico afirmava ser a Comuna, naquela altura, um “assunto de cerca de 600 ou 700 títulos” (TARTAKOWSKY, 2001: 41), mas dentre as investigações acadêmicas, os trabalhos do historiador Jacques Rougerie são de referência obrigatória e é dele o argumento que define o estatuto revolucionário da Comuna como a reiteração do legado jacobinismo político oriundo de 1789, e como a afirmação inaugural de práticas socialistas de bases proletárias na organização de uma nova vida social (ROUGERIE, 2001: 122-147).

O fato é que a atualidade da Comuna não é apenas a atualidade de um texto de Marx, muito mais do que isso, a atualidade da Comuna está no resgate das práticas dos trabalhadores na organização institucional da mesma e no que essas práticas têm ainda a nos dizer frente ao atual cenário institucional do capitalismo. Nesse sentido é que acreditamos ser fundamental, ainda que aqui numa breve descrição, apresentar a trajetória política de Louis-Eugène Varlin.

No domingo, 28 (*de maio de 1871*), na place Cadet, um padre o reconheceu e foi correndo buscar um oficial. O tenente Sicre deteve Varlin, atou-lhe as mãos às costas, encaminhando-o às Buttes, onde estava o general De Laveaucoupet. Aquele Varlin que arrisacara a vida para salvar os reféns da rue Haxo foi arrastado mais de uma hora pelas ruas escarpadas de Montmartre. Sob uma chuva de golpes, sua jovem cabeça

meditativa, que só tivera pensamentos fraternos, converteu-se em um montão de carne informe, com um olho pendendo da órbita. Quando chegou à rue des Rosiers, ao Estado-Maior, já não caminhava, era carregado. Sentaram-no, para o fuzilamento. Os soldados destroçaram o cadáver a coronhadas. Sicre roubou seu relógio e se enfeitou com ele (LISSAGARAY, 1991: 294).

Esta descrição do “longo calvário” (ROUGERIE, 1995: 113) dos últimos instantes de vida de Varlin tornou-se um dos maiores símbolos da derrota da Comuna, símbolo da derrota da república social que a Comuna começava a propôr com a sua institucionalidade. Varlin foi fuzilado aos 31 anos e da sua breve vida como operário encadernador de livros (desde os 15 anos) encontramos uma definição histórica de trajetória comunista toda ela voltada ao esforço de organização dos trabalhadores nas demandas imediatas dos seus interesses corporativos de classe como o único termo possível para uma cultura autogestionária de solidariedades proletárias, pois, como acreditava sem essa cultura de solidariedade nenhum edificio revolucionário anticapitalista poder-se-ia manter.

Varlin descendia de uma família de republicanos de ativa participação política na história dos acontecimentos revolucionários da França de 1879 às jornadas de 1848-1851. Uma família de recursos modestos, seu pai Aimé-Alexis além de cultivar algumas terras suas também trabalhava como diarista em fazendas vizinhas, esforço esse que lhe garantiu condições de sustentar seus três filhos (Varlin, Louis e Hippolyte) e filha (Clémence). Varlin pode frequentar a escola primária até os 13 anos, aspecto que lhe foi fundamental

para a vida futura pela alfabetização e conhecimentos obtidos que pode levar para Paris, quando para lá foi aprender o ofício e trabalhar como encadernador de livros (habilitou-se em 1854). No seu trabalho de aprendiz era comum a reclamação de que perdia muito tempo com a encadernação de alguns livros porque se detinha a ler-lhes seus conteúdos. Trabalhou em várias oficinas durante os anos seguintes, adquirindo notabilidade pelas suas qualidades profissionais. No ano de 1860, retoma seus estudos, frequentando alguns cursos na Associação Filotécnica da Sorbonne dedicando-se principalmente a aperfeiçoar seu francês e sua ortografia. E como autodidata, nos anos seguintes dedicou-se a estudos sobre questões jurídicas com vivo interesse na história da constituição das sociedades civis. Dedicou-se a investigar o cooperativismo e teve no jornal – *La Mutualité*, de Pierre Vinçard uma de suas principais fontes de consulta (CORDILLOT, 1991: 11-23).

A partir de 1857, Varlin iniciou a sua trajetória política com expressiva atuação na Sociedade dos Encadernadores, onde se apresentava como representante dos operários (nessas sociedades corporativas era comum discutirem-se as reivindicações do trabalho conjuntamente com os patrões empregadores, não eram ainda propriamente órgãos classistas). Varlin lutava por melhores condições de trabalho, melhores condições de aprendizagem do ofício. Essas atividades mobilizaram-no pelos anos seguintes e foram-lhe sempre grandes instrumentos de aprendizado político. A partir de maio de 1864 as demandas dos trabalhadores acirram-se por melhores salários e redução da jornada diária de trabalho (a redução de 12 para 10 horas diárias de trabalho e um aumento de 25% dos salários foram os pontos mais

importantes na pauta das greves desse ano). Com os trabalhadores em greve o resultado foi que poucas semanas depois as reivindicações foram atendidas pelos patrões. Os encadernadores tinham Varlin em grande conta, pelo esforço de organização que o mesmo envidou à corporação. O fato é que entre as poucas centenas de encadernadores de Paris, nasceu uma forma de reivindicação crescentemente centrada nas demandas dos trabalhadores, desenvolveram-se práticas sindicais em substituição às antigas práticas corporativas que neste caso específico faziam do encadernador uma espécie de artesão-artista e não efetivamente um operário. No ano seguinte, em setembro de 1865 uma nova greve foi inevitável e os trabalhadores representavam-se já com a organização de um comitê de greve (com 19 representantes, Varlin incluído). O confronto com os patrões nas oficinas fazia-se marcar de forma crescentemente repressiva, ecoando pelo mundo do trabalho em geral. Nesse enfrentamento classista, os trabalhadores formularam instrumentos de solidariedade para a manutenção de suas subsistências durante a greve. Por iniciativa de Varlin foi criada a *Caixa de previdência dos cinco centimos*, um fundo mútuo de amparo aos trabalhadores em graves dificuldades durante as greves. (CORDILLOT, 1991: 25-41).

O termo é que gradativamente e com base na unidade solidária dos próprios trabalhadores na defesa e manutenção de suas ações reivindicatórias, estabeleciam-se novas relações sociais no mundo trabalho. Há um aspecto a ressaltar. Grande parte dos trabalhadores franceses empregava-se em oficinas e empresas de pequeno e médio porte, grandes concentrações industriais proletárias não eram tão

evidentes em Paris. Muitas profissões tinham ainda um caráter de especialidades artesanais, o próprio trabalho de Varlin como encadernador tinha essa particularidade, outras funções como relojoeiros, ourives (bijuterias), marceneiros, alfaiates, sapateiros, gravuristas – pintores de móveis, “peleiros”, “escoveiros”, funções como essas definiam o proletário parisiense. Os trabalhos historiográficos de Jacques ROUGERIE (1964, 1995 e 2001) apresentam dados expressivos dessa composição sócio-profissional do mundo do trabalho parisiense, um universo ainda distante de um processo de industrialização massificada.

Das greves que ajudava a organizar, Varlin a partir de 1865 passará também a frequentar as reuniões de trabalhos da seção francesa da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), e será como membro da AIT que Varlin consagrará o seu nome frente aos trabalhadores parisienses. A Internacional não foi para Varlin um partido, mas um espaço plural de representantes de várias categorias de trabalhadores, militantes de vários timbres ideológicos (mutualistas, bakuninistas, blanquistas entre outros). A marca fundamental da Primeira Internacional foi o pluralismo ideológico, mas notadamente com Marx e Bakunin como as duas expressões políticas mais significativas, ainda que na seção francesa predominasse uma cultura articulada em práticas próximas ao que se poderia definir como sindicalismo revolucionário. Numa rápida síntese pode-se afirmar que

(...) foram méritos da AIT a afirmação do internacionalismo proletário como um valor positivo e a vinculação da luta pela libertação da classe trabalhadora da exploração econômica, e da

opressão política como sinônima da libertação da humanidade. (TRAGTENBERG, 2006: 33).

Varlin defendia uma assertiva que definia bem o sentido universal da sua luta política, apresentou-a em 1865 quando da sua participação como um dos quatro delegados franceses ao congresso da AIT em Londres: a definição do que seria o “trabalhador” – *“trabalhador é todo aquele que é assalariado e está sujeito aos riscos da falta de trabalho”* (CORDILLOT, 1995: 68). Nessa frase a universalidade de sua perspectiva política. Seriam esses trabalhadores o seu “partido” fundamental, e participar da AIT era antes de tudo estabelecer pela Associação uma perspectiva de integração de todas as lutas dos trabalhadores, não um órgão para guiar os trabalhadores, mas um instrumento conector para articular e demonstrar a universalidade da solidariedade entre os trabalhadores como única prática efetivamente revolucionária. O seu trabalho de organizador junto aos trabalhadores nas inúmeras greves que participou, os vários fundos de solidariedade que organizou em prol dos grevistas, as reuniões da AIT, esses eram os esforços da prática pedagógica revolucionária, a dedicação como exemplo, não para comandar, mas para estar junto àqueles trabalhadores e com eles estabelecer os propósitos que os reuniam às lutas em que estavam envolvidos, há muito que Varlin não acreditava em resultados efetivamente substantivos das greves a que se envolvia, a greve, o processo da organização da greve em si era-lhe sempre o termo mais importante.

Por que razão operários dedicados, ativos e inteligentes consagram toda a sua energia, toda a sua influência que são suscetíveis de exercer sobre os seus companheiros, a prosseguir este movimento que sabem não

ter saída? (VARLIN [1869] apud BERNARDO, 2000:95)

Varlin responde à sua própria indagação e traduz a sua própria ação política:

É que para eles a questão prévia a qualquer reforma social é a organização das forças revolucionárias do trabalho. Em todas as greves o que nos preocupa não é tanto o insignificante aumento salarial, a pequena melhoria das condições de trabalho. Tudo isso é apenas secundário; são paliativos que servem enquanto se espera por alguma coisa melhor. Mas o supremo objetivo dos nossos esforços é o agrupamento dos trabalhadores e a sua solidariedade. (VARLIN [1869] apud BERNARDO, 2000: 95)

E complementa:

Acima de tudo, o mais importante é que os trabalhadores estejam organizados. (...) Para que possamos encarar sem medo um futuro tempestuoso é necessário que todos os trabalhadores se sintam solidários. (VARLIN [1869] apud BERNARDO, 2000: 96)

Por essas práticas, por essa exaustiva participação junto às lutas de inúmeras categorias de trabalhadores, não apenas os encadernadores, é que foi escolhido para o Comitê Central da Guarda Nacional quando do levante insurrecional (de 15 de março de 1871) da população parisiense ao cerco imposto pela república de Thiers associado já nessa data às tropas prussianas de Bismarck, e como também foi eleito para os comitês distritais da Comuna³.

³ Diante do cerco a Paris, Varlin sabia que a sua experiência seria fundamental aos propósitos da Guarda Nacional que se insurge em 18 de março contra a República de Thiers, junto com alguns outros membros da AIT participa então do Comitê Central da Guarda Nacional. Walter

Paris esteve sitiada por vários meses, sem abastecimento regular de mantimentos, a população viu-se em miséria atroz, cavalos, cães, gatos, ratos, animais do zoológico serviram para aplacar a fome que se generalizava, e em meio a esse quadro de guerra nacional contra a Prússia que cercava a cidade e derrotava na batalha de Sedan o Império de Napoleão III (setembro de 1870), a população consumava no seu cotidiano um inesperado “controle” da cidade, a guerra solidificara demandas em comum, a miséria unia a população por saídas em comum, a solidariedade fazia-se em prática comum.

Benjamin afirma: “Os membros da Internacional aceitaram se eleger para o Comitê Central da Garde Nationale, por conselho de Varlin” (BENJAMIN, 2007: 833). Um dos membros da AIT com ativa participação nesse Comitê Central e nas instituições criadas pela Comuna foi o húngaro Leo Frankel (durante a Comuna manteve correspondência com Marx) que escapou do fuzilamento fugindo para a Inglaterra. Esse Comitê convocou eleições para o dia 26 de março para a formação dos 20 comitês distritais que formariam efetivamente a Comuna de Paris. Nessas eleições Varlin obteve votos em vários distritos e foi eleito para três deles (no 6º - Luxembourg; no 12º - Reuilly e ainda no 17º - Batignolles-Monceaux, onde radicou os seus trabalhos). Varlin foi o único *communard* nessas eleições a eleger-se por três distritos, superando inclusive o lendário Blanqui que foi sufragado e eleito para dois distritos (o 18º - Butte-Montmartre; e o 20º - Menilmontant). Estas informações foram obtidas naquele que é um dos documentos historiográficos fundamentais da Comuna: o seu *jornal oficial*, o JOURNAL OFFICIEL DE LA RÉPUBLIQUE FRANÇAISE, o jornal da Comuna. Os resultados das eleições em todos os vinte distritos (eleitos e totalidade dos votos) estão apresentados na edição de 28 de março (pp. 75-76). Além das notícias diárias de cada comitê que compunha a Comuna, o jornal apresentava ainda uma seção dedicada ao registro do que outros jornais, de outros países, dedicavam à Comuna de Paris. Um documento historiográfico de inestimável valor.

Entre os meses de outubro (1870) e março (1871) a França com sua nacionalidade derrotada pela rendição de Napoleão, legitima a República inócua de Gambetta e leva Thiers ao poder. A França legitimava governos republicanos, mas Paris queria legitimar a República social, a cidade resiste ao cerco prussiano e agora (fevereiro de 1871) teria também que resistir aos “obuzes” de Thiers.

Na véspera da Comuna e diante dos impasses do governo Thiers, em 11 de março de 1871, Varlin publica no jornal *La Marseillaise* um artigo que antecipava os rumos das novas práticas institucionais que Paris desencadearia a partir já da insurreição da Guarda Nacional contra a república de Versalles (18 de março). Nesse artigo de título “*As sociedades operárias*”, percebemos o jovem autodidata aferindo a realidade de uma prática auto-organizatória objetivada ao controle operário da realidade social, naquele momento, “as sociedades operárias” já poderiam desencadear um processo político de controle social da produção superando, portanto, as práticas corporativo-sindicais de resistência ao capital. Às vésperas do levante da Guarda Nacional e da consolidação da Comuna a partir de 26 de março, Varlin era quem melhor traduzia as tendências revolucionárias em questão. Para Varlin, àquela altura as possibilidades da revolução social eram-lhe de uma evidência contundente. Vejamos, para concluir, o seu argumento:

Se não quisermos converter tudo num Estado centralizador e autoritário, que nomearia os diretores das fábricas, das manufaturas, dos estabelecimentos de distribuição, os quais por sua vez nomeariam os subdiretores, os contramestres, etc., organizando-se assim hierarquicamente o trabalho

de alto a baixo e deixando-se o trabalhador como uma mera engrenagem inconsciente, sem liberdade nem iniciativa, se não quisermos nada disto temos de admitir que os próprios trabalhadores devem dispor livremente dos seus instrumentos de trabalho, possuí-los, com a condição de trocar os seus produtos ao preço de custo, para que exista reciprocidade de serviços entre os trabalhadores das diferentes especialidades. (VARLIN [1871] apud BERNARDO, 2000: 97)

Sua participação no Comitê Central da Guarda Nacional e depois a sua eleição em três dos vinte distritos da Comuna asseveraram-lhe as possibilidades concretas da luta impeditiva daquele Estado autoritário a que se refere no seu artigo, mas, mais importante, tinha a certeza de que Paris com aquelas novas práticas institucionais que a Comuna desenvolvia já anunciava o futuro da república social em autogestão.

Louis-Eugène Varlin é o maior emblema da Comuna de Paris de 1871, viveu, lutou e morreu aos 31 anos pela República social dos trabalhadores, Varlin é a representação máxima das práticas comunistas autogestionárias. É a sua vida e luta que devem ser lembradas e discutidas à exaustão na comemoração destes 140 anos da Comuna de Paris. O que afirmou o senhor Karl Marx nas suas cartas ao seu amigo Kugelmann, de Londres, depois de tudo que Varlin enfrentou, faz com que tenhamos que reconhecer que o único lugar onde Marx deve estar é na bibliografia da Comuna, se Varlin foi a Comuna, Marx é apenas uma referência bibliográfica da Comuna. Vale a nós perceber o que nos é historiograficamente fundamental: discutir a Comuna por inteira ou apenas um livro sobre ela?

Referências

BADIA, M. G. Discussion (com Georges Haupt). In **LA COMMUNE DE 1871**, 1972: 230-233.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte / São Paulo: Editora da UFMG / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BERNARDO, João. *Labirintos do Fascismo. Na encruzilhada da Ordem e da Revolta*. Porto: Afrontamento, 2003.

_____. *Para uma teoria do modo de produção comunista*. Porto: Afrontamento, 1975.

_____. *Transnacionalização do capital e fragmentação dos trabalhadores. Ainda há lugar para os sindicatos?* São Paulo: Boitempo, 2000.

BOITO JÚNIOR, Armando (Org.). *A Comuna de Paris na História*. São Paulo: Xamã/CEMARX – UNICAMP, 2001.

BRUHAT, Jean. Pouvoir, pouvoirs, état em 1871? In **LA COMMUNE DE 1871**, 1972: 157-171.

CORDILLOT, Michel. *Eugène Varlin, chronique d'un espoir assassiné*. Paris: Les Éditions Ouvrières, 1991.

COSTA, Silvio. *Comuna de Paris. O proletariado toma o céu de assalto*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1998.

DE LA BRUGÈRE. *Histoire de la Commune de Paris*. Paris: Arthème Fayard Editeur, 1871 (Disponível na íntegra em: www.gallica.bnf.fr).

GONZALES, Horácio. *A Comuna de Paris. Os assaltantes do céu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

HAUPT, Georges. La Commune comme symbole et comme exemple. In **LA COMMUNE DE 1871**, 1972: 205-226.

HUNT, Tristram. *Comunista de casaca. A vida revolucionária de Friedrich Engels*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

JOURNAL OFFICIEL DE LA RÉPUBLIQUE FRANÇAISE. *Paris, 1871. Du 19 mars au 24 mai*. Paris: Victor Bunel, Éditeur, 1871, 675p. (Disponível na íntegra em: www.gallica.bnf.fr).

LA COMMUNE DE 1871. *Actes du colloque universitaire pour la commémoration du centenaire* (Paris, les 21, 22, 23 mai 1971).

Revue *Le Mouvement Social*, nº 79, Paris, Les Éditions Ouvrières, avril-juin 1972, 354p.

LISSAGARAY, Prosper-Olivier. *História da Comuna de 1871*. São Paulo: Editora Ensaio, 1991.

MARX, Karl & **ENGELS**, Friedrich. *Textos I (A Guerra Civil na França)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977 (pp. 155-219).

MARX, Karl. *La Guerre Civile em France 1871*. Paris: Éditions Sociales, 1972.

MOREL, Henry. *Le Pilon de communaux*. Paris: E. Lachaud Editeur, 1871. (Disponível na íntegra em: www.gallica.bnf.fr)

ROUGERIE, Jacques. Composition d'une population insurgée. L'exemple de la Commune. In *Revue Le Mouvement Sociale*, nº 48, Paris, Les Éditions Ouvrières, juillet-septembre, 1964 (pp. 31-47).

_____. *Paris insurgé. La Commune de 1871*. Paris: Découvertes Gallimard, 1995.

_____. Tradição e criação na Comuna de Paris (continuação da revolução burguesa ou início da revolução operária?). In *Revista Crítica Marxista*, nº 13, São Paulo, 2001.

TARTAKOWSKY, Danielle. As análises tradicionais e a bibliografia recente sobre a Comuna. In **BOITO JÚNIOR**, 2001: 29-46.

TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

VÁRIOS... *A Comuna de Paris (textos, documentos e uma análise sobre as repercussões no Brasil)*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Laemmert, 1968.

VARLIN, Louis-Eugène. As sociedades operárias. *La Marseillaise*, nº 81, Paris, 11 de março de 1871. In **BERNARDO**, 2000: 96-98 (Tradução de João Bernardo).

_____. Greve e resistência. *Le Travail*, nº 22, Paris, 31 de outubro de 1869. In **BERNARDO**, 2000: 95-96 (Tradução de João Bernardo).

Foto:

Louis-Eugène Varlin (Google Images).